

Renan sugere a renúncia de Sarney

“Se Sarney não tem capacidade de gerenciar o País, que renuncie”. A afirmação, repetida pelo deputado Renan Calheiros, assessor político do presidente eleito Fernando Collor de Mello, por três vezes diante de toda a imprensa, foi feita uma hora antes do primeiro encontro entre ele, na qualidade de membro da comissão de transição do governo Collor, e o ministro chefe do Gabinete Civil, Luis Roberto Ponte, interlocutor oficial do atual Governo junto à equipe do futuro Presidente. Com a renúncia, seria adotada a saída constitucional, completou Renan (o presidente da Câmara dos Deputados, Paes de Andrade, assumiria o cargo).

A sugestão de renúncia do presidente Sarney foi apresentada por Calheiros em vista das declarações do ministro Roberto Ponte — desmentidas hoje — de que o atual governo já não teria instrumentos para conter a inflação. Como a antecipação da posse do presidente eleito ou o regime de co-gestão entre o atual governo e a equipe de Collor são hipóteses completamente afastadas pela assessoria do presidente eleito, a renúncia seria a única saída em caso de descontrole da situação, na opinião de Renan, que ironi-

zou: “o governo lamentou que Collor não tivesse insistido na tese de antecipação da posse”. Ponte descartaria depois a possibilidade da renúncia de Sarney.

O encontro entre Calheiros e Ponte aconteceu na liderança do PRN e durou quarenta e cinco minutos. Os dois chegaram praticamente juntos, usavam camisas brancas e ternos marinhos de riscas e — apesar das farpas anteriores do líder do PRN — saíram com discursos afinados, de conciliação. A maior preocupação era negar uma possível co-gestão neste final de governo. O ministro Ponte, que uma semana atrás chegara a acenar com a possibilidade de adoção de medidas conjuntas, a partir de sugestões da equipe do presidente eleito, mudou o discurso e insistiu em que a responsabilidade pela condução da economia até março é exclusiva do atual governo.

A renúncia do presidente Sarney está fora de cogitação, garantiu o ministro-chefe do Gabinete Civil logo depois do encontro, que, oficialmente, só serviu para acertar que os interlocutores do governo com a equipe de Collor em cada Ministério serão indicados no início da próxima semana. Ponte insistiu em que o governo

tem um “timoneiro” e “temos todas as condições de governabilidade”. Ele disse ainda que declarações suas de que o governo não teria mais como conter a inflação foram mal interpretadas. “Temos todos os instrumentos para manter a inflação onde está, não temos mais instrumentos é para baixar a inflação”, explicou. Os instrumentos para evitar que a inflação aumente ainda mais seriam, segundo Ponte, a contenção de despesas e os juros altos. Importante também, frisou, é deixar claro que o governo Sarney não vai fazer nestes últimos meses nenhuma maxidesvalorização ou congelamento de preços. Choque econômico nesta altura não passa de boato.

Ponte observou que os trabalhadores estão fazendo sua parte, evitando surtos grevistas, quando o mesmo não se pode dizer dos agentes econômicos, que precisam ter consciência do atual momento econômico e segurar a elevação dos preços. O plano econômico apresentado por Collor é uma versão aproximada do Plano Menem, da Argentina, afirmou Ponte. “O problema é converter isso em realidade e fazer com que o Congresso Nacional aprove a tese”.

MARCOS HENRIQUE



Renan e Ponte começaram divergindo e terminaram afinados, ontem

Equipe de transição fica no Itamarati

“Você estão muito impacientes com relação ao trabalho desta comissão de transição. Você têm que entender que a única coisa que ela vai fazer é coletar informações do atual governo”. Em tom didático, o líder do PRN, deputado Renan Calheiros, tentava justificar ontem à imprensa o ritmo lento e a falta de informações da comissão de transição do governo Collor que, formada há cerca de quinze dias até agora só conseguia definir o organograma do Poder Executivo e o local de trabalho da equipe: o Itamarati.

A escolha do Itamarati foi definida ontem à noite, depois de uma visita da comissão de transi-

ção para avaliar se o local seria adequado para abrigar os sessenta técnicos responsáveis pela coleta de informações em cada ministério. Haviam sido sugeridos ainda pelo ministro chefe do Gabinete Civil, Luis Roberto Ponte, a Fundação Getúlio Vargas, o DNER, o escritório da vice-presidência no Banco do Brasil e a Granja do Torto.

A reação do deputado Renan Calheiros, tentando minimizar a importância política da comissão, aconteceu depois do encontro dele com o ministro Roberto Ponte. Após 45 minutos de conversa, a única informação concreta era que, na próxima sema-

na, o ministro levará à equipe uma lista com os interlocutores do governo em cada ministério.

O trabalho da comissão de transição deve estar concluído no final de janeiro, segundo o líder do PRN. Ela não vai ter qualquer função no que se refere à escolha de nomes para o ministério de Collor, garantiu Renan.

O líder do PRN, embora não descarte a hipótese de antecipação do anúncio do ministro da Economia, em caso de agravamento da crise econômica, acredita que todos os nomes que vão compor o futuro ministério devem ser anunciados em conjunto, na véspera da posse.

Itamar espera dar colaboração

Eleito vice-presidente da República, o senador Itamar Franco (PRN-MG) afirmou ontem, ao desembarcar em Brasília, que sua função no próximo governo será a de procurar ajudar o presidente Fernando Collor como lher for possível. “A função do vice-presidente é a de colaborar pelo êxito do Presidente”, afirmou.

Itamar recebeu ontem, em seu apartamento, o embaixador Marcos Coimbra, chefe da equipe de transição do futuro governo. O encontro serviu para uma análise do quadro político e das dificuldades do futuro governo. Hoje o vice encontrará Collor.

A notícia publicada ontem pelo

O Estado de S.Paulo de que Fernando Collor jamais lhe passaria o cargo, mesmo quando tivesse de ir ao exterior, porque achava que ele não tinha atuado como devia na campanha eleitoral, foi considerada por Itamar como mais um dos “muitos equívocos” surgidos durante a campanha. Não que tenha havido interesse em deturpar, mas apenas um engano.

À tarde, o jornalista Cláudio Humberto, futuro secretário de Imprensa de Fernando Collor, mandou para Itamar Franco cópia da carta encaminhada ao jornal paulista desmentindo a notícia.

Arraes marca renúncia para 1º de abril

Recife — O governador Miguel Arraes vai renunciar ao seu mandato de chefe do Executivo pernambucano, dia 1º de abril, falando ao povo da sacada do Palácio do Campo das Princesas, explicando os motivos de seu gesto. Diferentemente do que ocorreu há 26 anos, quando saiu do Palácio preso por ordem do regime militar que então se implantava no País, ele se desincompatibilizará para disputar uma cadeira de deputado federal, passando o cargo ao vice-governador Carlos Wilson.

A decisão do governador, anunciada ontem, só se deu após ele ter a certeza de que seria substituído pelo vice-governador Carlos Wilson, e não pelo presidente da Assembléia Legislativa, Clodoaldo Torres, com quem está atritado, e em quem não confia politicamente.

“Iremos disputar uma vaga na Câmara, tratar dos problemas do País em Brasília e defender nossas idéias”, admitiu o governador. A decisão de Arraes de sair candidato a deputado federal foi oficializada após encontro que ele manteve com o vice-governador, na noite de anteontem.

Erundina demitirá quem se candidatar

A prefeita de São Paulo, Luiza Erundina (PT), quer saber com antecedência quais dos seus secretários pretendem concorrer nas eleições do ano que vem (governador, deputados e senadores), para afastá-los dos cargos a tempo e sem prejuízo da administração da capital paulista.

Ela comunicou isso à sua equipe numa reunião realizada ontem, onde foi feita também uma avaliação do primeiro ano de seu mandato na prefeitura. O secretário de governo, José Eduardo Martins Cardoso, negou que alterações no secretariado seriam feitas nos próximos dias.